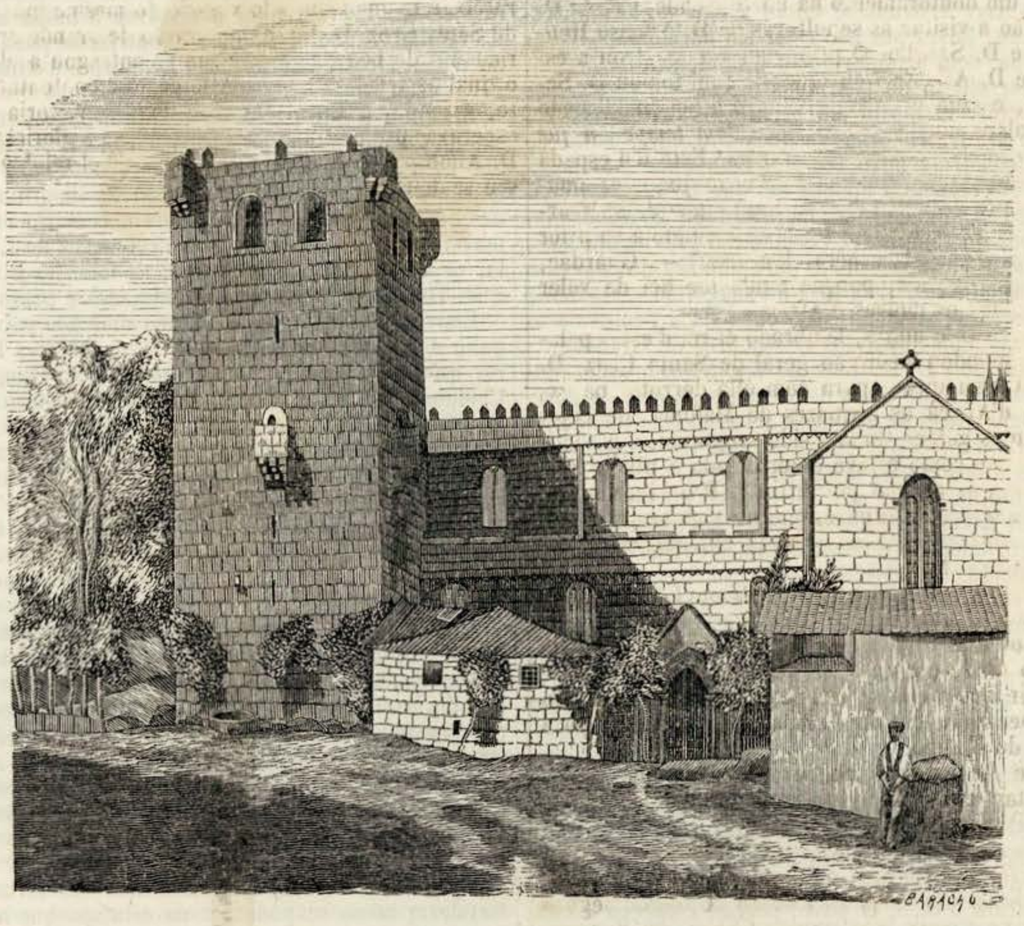


Mosteiro de Santa Maria de Leça do Balio — Desenho de P. Gago

A uns sete kilometros do Porto, caminho de Braga, e a pouca distancia da estrada que põe em communicação estas duas cidades, avulta o gothico templo de Santa Maria de Leça do Balio.

Edificado em terreno baixo, regado pelo rio Leça, e assombrado de basto arvoredo, este monumento de antigas eras ergue-se com venerando aspecto, meio religioso, meio guerreiro, d'entre um massiço de verdores.

Mais velho que a monarchia, mal deixa distinguir a sua origem a través da escuridão dos tempos. Todavia, se faltam noticias positivas ácerca da sua fundação, sabe-se que a fabrica primitiva já existia nos fins do seculo decimo, compondo-se então de uma pequena egreja, e de um mosteiro benedictino duplex, de frades e freiras, com a invocação de S. Salvador. Consta isto de varias escripturas antigas, bem como que no anno de 986 eram padroeiros do mosteiro Tructesindo Osoredis e sua mulher D. Unisco Mendes.

Da leitura dos referidos documentos se colhe por conjectura, que a fundação do mosteiro do Salvador se realisaria pelos annos de 900, e que o fundador foi algum dos ascendentes de Tructesindo, ou de D. Unisco.

Nos fins do seculo XI, sendo abbade do mosteiro D. Guntino, foi reedificada a egreja, por se achar em muita ruina, devida mais á mesquinhez da construcção, que á sua antiguidade.

Por este tempo, achando-se a mitra de Coimbra mui falta de rendimentos, tanto para sustentação do bispo, como dos conegos, fez-se-lhe doação do mosteiro de Vaccariça com todas as suas rendas e pertenças. N'esta doação ia incluido o mosteiro de S. Salvador de Leça, porque alguns annos antes tinha sido doado pelos seus padroeiros ao abbade de Vaccariça.

Distrahida d'esta arte a parte principal dos rendimentos do mosteiro para a sé de Coimbra, foi faltando o necessario para o sustento dos monges e freiras, de modo que em pouco tempo ficou deserto o convento. Depois, accrescendo novas rendas, provenientes de disposições testamentarias de alguns bemfeitores, foi novamente habitado pelas duas communidades religiosas até ao tempo em que o conde D. Henrique entrou no governo de Portugal.

Sendo admittida n'este reino a ordem de S. João de Jerusalem, segundo a melhor opinião, depois da morte d'aquelle principe, e sob o governo de sua mulher a rainha D. Theresa, pelos annos de 1112 a 1118, foi-lhe concedido o mosteiro de S. Salvador de Leça. Não sabemos se n'essa epocha o mosteiro se achava deshabitado. O que é certo é que desde então ficou sempre pertencendo á ordem de S. João de Jerusalem ou do Hospital, da qual veiu a ser cabeça. Alguns escriptores seguiram a errada opinião de que antes de pertencer a esta ordem fôra convento de templarios. Este ponto não é objecto de du-

vida, porque existem documentos, que provam o que acabâmos de referir.

Tanto a egreja, como o mosteiro, transformado agora em paço do balio, conservaram a fórma que receberam na segunda fundação até ao principio do seculo XIV. Achando-se então a egreja em mau estado, ou, talvez por não estar em harmonia, por ser pequena, com a importancia e opulencia da ordem, que por effeito de continuas mercês de nossos reis tinha crescido muito em privilegios e riquezas, resolveu D. fr. Estevão Vasques Pimentel, balio de Leça, construir novo templo. Esta obra mui grandiosa em relação á epocha em que foi erigida, concluiu-se no anno de 1336, no reinado de D. Affonso IV.

A par do templo fez construir o previdente balio uma torre elevada e forte para defensa do convento e dos cavalleiros. Esta idéa foi suggerida certamente pelo terror que inspiravam em toda a Peninsula as emprezas audaciosas dos reis moiros de Granada.

Assim pois D. fr. Estevão fez delinear esta construcção segundo todos os preceitos da arte da guerra, como quem se dispunha para as eventualidades de um cerco, o que faremos observar quando passarmos á descripção geral do edificio.

No fim do seculo XVI, ou começo do XVII, o balio fr. Luiz Alvares de Tavora procedeu a muitas obras no paço, umas de reconstrucção, e outras de accrescentamento. Na egreja tambem se fizeram algumas obras em diversas epochas, e até em tempos modernos, mas não alteraram a fórma e architectura do templo. Pela maior parte tiveram por fim reparar ou melhorar os altares.

Não se sabe quando se mudou a invocação d'este templo. Presume-se que foi por occasião da fundação da egreja actual, isto é, pelos annos de 1336. O novo orago foi Nossa Senhora da Encarnação; e no anno de 1642 ainda existia no altar-mór a imagem de vulto da mesma Senhora. Posteriormente levaram esta imagem para a sacristia, substituindo-a por um retabulo da Assumpção de Nossa Senhora, em pintura a oleo. O povo, porém, começou a chamar-lhe Santa Maria de Leça, e assim tem conservado até hoje esta invocação popular.

No antigo mosteiro, e depois no paço dos balios, se hospedaram muitas illustres personagens. D. Affonso Henriques, D. Sancho I, e sua filha a rainha Santa Mafalda, residiram por algum tempo no velho mosteiro. Suppõe-se que tambem alli veiu a rainha D. Theresa.

No anno de 1372 não só deu hospedagem a el-rei D. Fernando e á côrte, mas até serviu de theatro a um acontecimento importante da nossa historia.

Havia pouco tempo que el-rei D. Fernando, impellido por uma louca paixão, se desposára secretamente em Lisboa com D. Leonor Telles de Menezes. O segredo divulgou-se em breve; e o povo, indignado de ver que o soberano escolhêra para sua esposa uma mulher casada, murmurou, agitou-se, levou as suas queixas ante o throno, e assumiu um aspecto ameaçador.

O moço rei, cego pelo amor e esquecido do que devia á nação e a si proprio, sáe furtivamente da capital com D. Leonor, e varios personagens da côrte. El-rei tomou o caminho do Porto, mas sem se demorar n'esta cidade, foi pousar ao baliado de Leça.

No dia seguinte fez reunir n'uma das salas do paço não só as pessoas que o tinham acompanhado, mas tambem muitas outras, que expressamente convocára para fazer declaração publica do seu consorcio. Depois recebeu-se com D. Leonor em acto solemne e apparatoso.

Passando-se em seguida ao beija-mão, o infante D. Diniz, irmão del-rei, e filho da desditosa Ignez de Castro, recusou beijar a mão da rainha. D. Fernando, no seu primeiro arrebatamento, correu para elle armado de um punhal. Cedendo porém aos rogos de alguns fidalgos, que lhe tomaram o passo, deixou sair da sala o infante.

Como D. Diniz resistisse a todas as instancias que se lhe fizeram para o resolver a beijar a mão da rainha, viu-se obrigado a expatriar-se para fugir ao resentimento da orgulhosa Leonor, e á vingança del-rei seu irmão.

Resultou d'este passo ver-se preterido na successão do throno, quando, por morte del-rei D. Fernando, as cortes de Coimbra collocaram a corôa sobre a fronte do mestre d'Aviz, apesar da illegitimidade do seu nascimento, porque sendo necessario um defensor para o reino contra as pretenções de Castella, os dois herdeiros legitimos, os infantes D. João e D. Diniz, achavam-se alli refugiados e presos.

Estiveram tambem por alguns dias nos paços do balio de Leça o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, quando projectou uma romaria a S. Thiago de Compostella; a infanta D. Filippa, filha do infante D. Pedro, e neta del-rei D. João I, que ahi veiu em cumprimento de uma promessa; e fr. Raymundo du Puy, segundo mestre da ordem de S. João de Jerusalem.

Pela extincção das ordens religiosas em 1834 acabou o baliado de Leça, mas o seu templo continuou a servir, como já servia desde muito tempo, de egreja parochial.

A frontaria do templo está voltada para leste. A porta, guarnecida de oito columnas delgadas, terminando em arcos ogivaes, e sobre ella um formoso espelho bem lavrado e rendilhado, constituem os unicos ornatos d'esta fachada. Tudo o mais é pedraria lisa, coroada, no corpo central, por cima do espelho, com uma cruz de Malta, de pedra; e nos dois corpos lateraes, que são mais baixos, com ameias.

Á esquerda da porta principal, resaltando da frontaria do templo, ergue-se uma elevada torre quadrangular, construida perfeitamente em fórma de fortaleza, como se póde ver na estampa que acompanha este artigo.

As fachadas lateraes são egualmente coroadas de ameias, com janellas de columna no centro. Na fachada, que a referida estampa representa, está a porta travéssa, muito parecida com a principal. Nos topos do cruzeiro abrem-se duas grandes janellas, tambem com sua columna ao meio.

Divide-se a egreja em tres naves, sustentadas por dez arcos, cinco de cada lado, sendo a nave central muito mais elevada que as lateraes. Tem este templo de comprimento trinta e seis metros, e de largura quatorze. Teve outr'ora sete altares; porém, demolindo-se dois, que estavam á entrada da capella-mór, com a intenção de serem transferidos para outro logar, nunca se realisou a transferencia, ficando por conseguinte na egreja cinco altares.

Na capella-mór estão os seguintes tumulos de pedra. Da parte da epistola, debaixo de um arco, vê-se um sepulchro com este epitaphio: *Aqui jaz fr. Lopo Pereira de Lima, grã-prior do Crato, baylio de Leça, do conselho de S. A., commendador das commendas de Rossos, Frossos, Rio Meão, Tavora, Santar, e Aboim, e lugar Tenente, que foi da sua religião n'estes reinos: Falleceu no ultimo de março de* 1681. Posto que se ache n'esta inscripção o titulo de grão-prior do Crato, é certo que não desfructou esta dignidade. Foi nomeado para ella pelo grão-mestre de Malta, mas el-rei D. João IV e seus successores recusaram-lhe a investidura.

Junto d'este tumulo está o do balio fr. Diogo de Mello Pereira, irmão do antecedente, e fallecido em 1666.

Da parte do evangelho está um mausoléo tambem

mettido debaixo de um arco, aberto na grossura da parede. Encerra o corpo de fr. Christovão de Cernache, balio de Leça e grão-chanceller da ordem de S. João de Jerusalem, ou de Malta. Sobre a tampa do mausoléo avulta a estatua d'este balio, posta de joelhos diante de um bofete, em acção de ler n'um livro. Está vestido com o habito da sua religião, deixando ver o peitoral coberto de escamas doiradas, com a cruz grande da ordem.

Sobre o tumulo, e dentro do arco, está um escudo das armas dos Cernaches.

Fr. Christovão achou-se na ilha de Rhodes, durante o memoravel assedio que lhe poz o sultão Solimão II no anno de 1524. Morreu, sendo balio de Leça, em 19 de Janeiro de 1569.

No meio da capella-mór ha um carneiro mandado fazer para jazigo dos balios por fr. Manuel d'Almeida e Vasconcellos, balio de Leça; porém nunca serviu.

A capella de Nossa Senhora do Rosario, denominada mais commummente capella do Ferro, contém varios tumulos e sepulturas. Á direita do altar, e debaixo de um arco, está o tumulo do balio D. fr. João Coelho, dom prior do Crato, e chanceller-mór de Rhodes, fallecido em 26 de novembro de 1515. Sobre o mausoléo está a figura do balio, trajando garnacha e tunica, com a grande cruz da ordem ao peito, e na cabeça o chapeo de copa redonda ao uso da mesma ordem. Na frente do tumulo está um anjo, de alto relevo, sustentando um panno em que se lê um longo epitaphio. Aos lados do anjo vêem-se dois escudos eguaes, tendo no centro um leão rompente. São as armas do balio.

No pavimento da capella jaz em sepultura rasa o balio D. fr. Estevão Vasques Pimentel, fundador da egreja actual, e fallecido em 14 de maio de 1336. Foi este balio valido del-rei D. Diniz, e de D. Affonso IV, e por vezes encarregado de embaixadas extraordinarias junto do summo pontifice.

Em uma lamina de bronze, embebida n'uma das paredes da capella, está gravada uma inscripção em latim, que diz em vulgar:

Este que descança n'esta sepultura foi um digno prior da ordem do Baptista: agora conhece quaes foram as suas acções:

Depois da morte de Estevão Vasques com difficuldade apparecerá quem seja melhor prior do que elle foi. Pela sua familia chamou-se Pimentel, mas pela sua vida e costumes chamou-se Abençoado. Ninguem era mais galhofeiro do que elle, nem tão forte, formoso, e constante; tendo em vista o que era melhor. Viajou por muitas terras, e atravessou muitos mares. Sem contar o priorado, teve cinco commendas, que a sua ordem lhe deu, e o papa n'isso consentiu; são as commendas, a Certan, que foi commenda de Graça, Leça, Crato, Rio-meão, e a flórida Faya, que foi a primeira. Oh! tu que és instruido, faze esta conta, elle foi prior trinta annos, tendo sido antes bom freire, contando tres vezes quatro. [1]

No corpo da egreja, proximo da pia baptismal, está mettido na parede um tumulo tambem antigo. Guarda o corpo do beato fr. D. Garcia Martins, grão-commendador da ordem de S. João de Jerusalem nos reinos de Hespanha, fallecido em 1306.

A pia baptismal, mandada fazer pelo balio fr. João Coelho, é uma peça notavel pelas esculpturas que a cobrem. Entre estas sobresáe o brazão de armas do dito balio, que não deixa duvida ácerca do auctor d'esta obra. O desenho d'este antigo monumento está-se gravando para publicarmos n'um dos proximos numeros.

[1] Extrahimos esta traducção, bem como a maior parte das noticias que dâmos aqui, da Memoria sobre o mosteiro de Leça, escripta pelo sr. Antonio do Carmo Velho de Barbosa, abbade da mesma egreja.

A egreja não tinha communicação alguma para o mosteiro senão por cima do telhado, subindo-se por uma escada da torre, cuja porta deita para o interior do templo. É esta tambem a unica porta que tem a torre. O fim de tão incommoda serventia era fazer mais defensaveis aquelles edificios, de modo que tomado o mosteiro pelo inimigo, a egreja só podia ser atacada pela parte exterior, cuja fórma acastellada lhe dava alguma segurança. E invadida a egreja, ficava ainda a torre como um excellente logar de refugio, capaz de resistir não só a violentos assaltos, mas tambem a um longo sitio, pois que n'ella se podiam accommodar bastantes defensores, e boa quantidade de viveres.

O antigo edificio do mosteiro, depois paço do balio, é uma construcção irregular, de mesquinha apparencia, e que tem passado por muitas alterações.

I. DE VILHENA BARBOSA.

ESTATUA DE FRANKLIN

(Vid. pag. 251)

Chovia copiosamente. Franklin abrigou-se n'um telheiro, e deitou o papagaio ao ar. Uma nuvem negra lhe passou por cima, mas não accusou nenhum signal de electricidade. Franklin começava a duvidar da efficacia d'aquelle meio, quando de repente viu que alguns fios do cordel se iam separando uns dos outros; poz logo o dedo sobre a chave, e d'ella tirou uma grande faisca. D'esta experiencia dependia a sorte da sua theoria; pelo que foi ineffavel o seu jubilo quando a viu comprovada por um meio tão simples. Muitas mais faiscas se seguiram á primeira; carregou depois a garrafa de Leyde, o choque foi recebido, e todas as experiencias que então se podiam fazer com a electricidade foram renovadas e verificadas. Depois d'isto não duvidou publicar os resultados que havia obtido, n'uma memoria intitulada: *Novas experiencias e observações feitas em Philadelphia*.

Buffon, Dalibarol, Delor e outros sabios, se applicaram logo a estudar e aperfeiçoar um descobrimento tão util e importante. Todas as experiencias que se fizeram em França, na Inglaterra e na Russia tiveram o mesmo exito; e dentro em pouco a theoria de Franklin foi estabelecida geralmente.

Além d'este descobrimento, nas cartas de Franklin sobre a electricidade, se acham consignados muitos factos e observações que sobre modo contribuiram para fazer d'este ramo dos conhecimentos humanos uma sciencia especial.

Eleito em 1747, pela cidade de Philadelphia, representante da assembléa geral da provincia, Franklin teve n'este parlamento uma grande influencia, não tanto pela sua eloquencia como pela sua reputação. Fallava pouco, e com muita simplicidade; os seus discursos eram de extrema concisão; tomava por thema um axioma, e limitava-se a tirar-lhe as consequencias; ou então referia um facto historico, cuja applicação era obvia, e sem se afastar d'este methodo, chegava quasi sempre a arrastar os oradores mais oppostos á sua opinião.

N'esse tempo já as idéas de independencia adquiriam de dia para dia novos adeptos nas colonias inglezas. Franklin era um dos seus mais fervorosos propugnadores, e o primeiro que tinha concebido, com outros americanos, um plano de promover e effectuar a revolução, com todas as bases de uma união entre as differentes colonias, tanto para sua defesa commum, como para a reciprocidade das vantagens que as devia ligar.

Os habitantes de New-Uampton, de Massachusset, de Rhod-Island, de New-Jersey, da Pensylvania e de Marglaw, foram convidados a enviar deputados a uma junta preparatoria. Franklin, eleito pela Pensylvania, apresentou o seu plano, que depois foi chamado *o plano da união de Albany*, logar onde se reuniu a junta.

Tratava-se de pedir ao parlamento britannico um acto pelo qual se estabelecesse na Nova Inglaterra um governo geral, composto de um presidente nomeado pelo rei, e de um conselho cujos membros fossem eleitos pelos representantes das differentes colonias. O poder executivo seria delegado ao presidente, e o legislativo confiado ao conselho e ao presidente reunidos. Vê-se que este plano tem muita analogia com a constituição que depois foi adoptada pelos Estados-Unidos. Mas n'aquella junta foi rejeitado pelas assembléas coloniaes, com o fundamento de que dava grande influencia ao presidente geral, sendo elle de nomeação regia. Comtudo este projecto foi remettido ao governo inglez, que o não approvou pelo fundamento contrario, isto é, porque dava demasiado poder aos representantes do povo.

Em 1757 foi o sabio Franklin deputado a Londres pela provincia da Pensylvania. O profundo conhecimento que elle tinha das colonias, e o seu zelo pelo bem de todas ellas, lhe grangearam a confiança geral, a ponto que quasi todas as outras provincias o nomearam tambem seu agente. Durante esta missão, sustentou elle com tal energia os direitos dos seus constituintes contra as pretenções do ministerio, que os seus compatriotas o adoravam como sua divindade tutelar.

(Continúa)

O ESCUDO DE D. AFFONSO HENRIQUES

Como na carta que publicámos no antecedente numero, a respeito da espada de D. Affonso Henriques, se falla tambem no escudo do mesmo rei, levado por D. Sebastião á jornada de Africa, diremos hoje o que nos consta d'esta preciosa antigualha.

O *Antiquario Conimbricense* nada nos diz a respeito do escudo; porém temos para cabal noticia de que esta peça já não existe, um trabalho escrupuloso, desenganado e erudito, nas averiguações feitas pelo sr. dr. Rodrigo de Gusmão, grande sabedor e amador das antiguidades nacionaes.

Eis o que elle nos diz n'um artigo publicado ha tempos no *Instituto* de Coimbra:

Quando principiámos as nossas investigações historicas ácerca de Coimbra e seus monumentos, tivemos curiosidade de ver o escudo del-rei D. Affonso Henriques, que algumas chronicas diziam se conservava no mosteiro de Santa Cruz d'esta cidade.

Dirigimo-nos ao padre a cujo cargo estava a guarda de similhantes objectos, e d'elle soubemos, que tão precioso monumento havia desapparecido, sem se saber como nem quando, restando, apenas, a mui simples noticia que deixára, a seu respeito, D. Nicolau de Santa Maria, na Chronica dos conegos regrantes de Santo Agostinho, liv. XI, cap. XXXII, pag. 513.

«E de pau de figueira, forrado de coiro de boi cru, oleado e pintado, e tem de comprimento cinco palmos e meio, e de largo, no mais largo, tres palmos.

Não diz o chronista quaes eram as côres; asseveram-nos porém Brandão na Monarchia (3.ª part. lib. 10, cap. 7.), e Faria no seu Epitome (3.ª part. cap. 1., n. ultim.) que era branco, assentando n'elle uma cruz azul, d'aquelle feitio a que chamam potentéa, por ter a haste mais comprida que os braços.

Nas cortes geraes, extraordinarias, e constituintes da nação portugueza de 1821, em sessão de 14 d'agosto, propoz o sr. Miranda se expedisse um decreto, em que se declarasse, que o laço nacional seria, d'alli por diante, das duas côres verde salsa, e amarello côr de oiro; procedendo, talvez, a proposta de taes côres haverem sido as duas antigas armas do reino de Portugal, que, segundo Villas-Boas na sua Nobiliarchia Portugueza (cap. 24, pag. 195), eram representadas por uma cidade branca em campo azul, sobre um mar de ondas verdes e doiradas.

Na sessão de 21 do dito mez, vencendo-se que entrasse em discussão esta proposta, fizeram-se algumas reflexões sobre as côres indicadas, e o sr. Trigoso propoz, que fossem branca e azul, empregadas no escudo del-rei D. Affonso Henriques, o que foi approvado e decretado.

ANTIGUIDADES DE NINIVE

(Conclusão. Vid. pag. 252)

Os trabalhos começaram com grande actividade, apesar do ardor do clima, do vento mortifero do deserto, e das febres que dizimavam parte dos trezentos trabalhadores que diariamente andavam n'estas excavações.

Depois de seis mezes de trabalho constante e consciencioso (diz o sabio orientalista Flandin), tinhamos posto á luz do sol os sepultados restos de um vastissimo palacio. Mas já o não achámos todo. Apenas encontrámos uma porção que formava um conjuncto quasi completo; por isso não podémos avaliar exactamente a extensão total. Mas pelos pontos extremos que reconhecemos, póde-se calcular que teria 300 metros de comprido, e 150 de largo. Que foi feito do mais que falta? E impossivel dizel-o. Estará este edificio completo? Parece que não, á vista do acabamento das partes que o solo tem conservado. E mais provavel que, como as de Babylonia, estas ruinas tenham sido aproveitadas para habitações posteriores á existencia do palacio cujo logar ellas occupam. Conjectura esta que se funda no desapparecimento de materiaes evidentemente ligados a fragmentos que ficaram no seu logar; e, ainda mais, por uma quantidade de pedra apparelhada e lavrada com outro destino, na qual se vê trabalho de cinzel que tentou alterar a esculptura primitiva. E a lei immutavel da reproducção. Assim como o trigo volta á terra transformado em adubio, as ruinas dos grandes monumentos da antiguidade servem para levantar as humildes construcções dos tempos modernos.

Como quer que seja, o resultado d'estas excavações já satisfaz o archeologo mais ávido. Após a noite de vinte e cinco seculos, que tinha sepultado na sua escuridão todos estes esplendores do passado, raiou finalmente o sol que veiu aclarar este conjuncto de grandezas e preciosidades, que a arte realçára com primoroso cinzel.

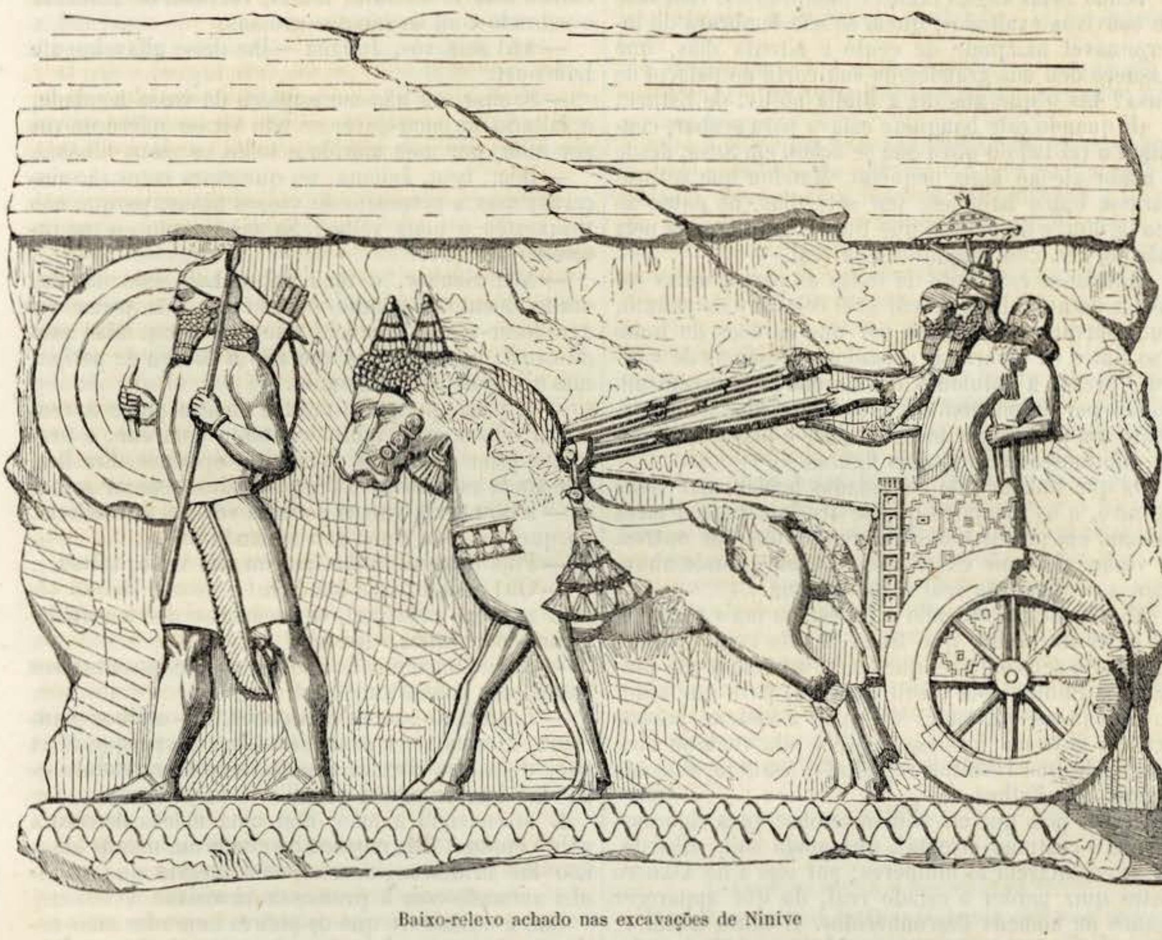
Nove salas intactas, com todas as paredes em pé; mais seis arruinadas em parte; grande numero de fachadas e portas ornadas de esculpturas, com inscripções onde se lêem os feitos heroicos dos successores de Nino, dos que reuniram sob o seu sceptro toda esta parte da Asia, nos dão já idéa do que era Ninive, cujas grandezas apenas conheciamos pelos livros da Biblia e pelas paginas de Herodoto. Os monumentos achados em Korsabad justificam Herodoto, e confirmam a Biblia, perante os que lhe suppunham exageração; e além d'isso revelam em toda a sua magestade e elegancia, a arte por onde podêmos avaliar a grande civilisação a que tinha chegado um imperio que só pelas suas conquistas julgavamos famoso.

O mais precioso das excavações de Ninive são as esculpturas.

Todas as paredes, sem excepção, interiores ou exteriores, são revestidas de baixos-relevos de pedra, com admiravel fecundidade de invenção e figuras. Reis, vizires, idolos, sacerdotes, eunuchos, guerreiros, combates e festas, tudo alli está representado. O viver dos ninivitas, presidido pelos seus principes, vem miraculosamente patenteado n'aquelles quadros, desde os symbolos religiosos até aos usos domesticos, desde os festejos da victoria até ao supplicio dos vencidos.

Dois generos de esculptura revestem as paredes do palacio descoberto, que são feitas de tijolo e betume, revestidas de laminas de pedra gypsosa, tendo de grossura, a parede toda, dois a tres metros.

Em muitas salas estas laminas são divididas em duas zonas de 1^{m},20 de alto, sobre as quaes tem grande numero de figuras de um metro de altura. Estas duas zonas são separadas por uma facha de inscripções, em caracteres cuneiformes, que chega de uma a outra extremidade da lamina. N'outras salas, e nas fachadas exteriores, as pedras que revestem as paredes tem figuras que as cobrem de alto a baixo, e cujo relevo é de alguns centimetros. Estes quadros representam reis, guerreiros, eunuchos, sacerdotes e divindades, cujas fórmas e attributos extravagantes se não podem interpretar senão pelas idéas symbolicas que a idolatria assyria lhes dá. Todas estas personagens, humanas ou fabulosas, formam procissões que estão interrompidas, mas que no tempo de Nino deviam dar volta a todo o palacio. De distancia em distancia são tambem interrompidas pelas portas, flanqueadas por toiros gigantes com



Baixo-relevo achado nas excavações de Ninive

azas e cabeça humana. [1] Estas esculpturas, que são os mais admiraveis specimens da arte ninivita, tem algumas cincoenta e seis metros de altura.

O numero d'estes minotauros devia ser mui grande; porque, não obstante ter desapparecido já uma parte consideravel dos restos d'este palacio, ainda se acharam uns vinte, porém quasi todos quebrados.

O aspecto de tão grandiosas fachadas, cujos portaes são coroados por uma enorme cabeça ornada com uma especie de tiara, deviam ter grande magestade; e ainda hoje, a vista de taes esculpturas, posto que extravagantes, causa admiração pela grandeza e concepção de taes monumentos, cuja pompa tinha tanto de barbara como de soberba.

Nas paredes das salas ha dois generos de baixos-relevos. Os maiores são repetições dos das fachadas; e os unicos objectos novos que representam, são genuflexões de captivos agrilhoados e supplicantes perante o grande rei, que desconhecendo a mais bella perogativa da realeza, lhes manda infligir na sua presença os mais crueis supplicios. Os menores, comprehendidos nas duas zonas que dividem as paredes, representam scenas muito mais variadas. Umas figuram combates entre nações diversas, segundo se póde conjecturar pela differença dos trajos; assaltos dados a mais de vinte fortalezas, cada um acompanhado de sua inscripção. Estes quadros, onde estão muito particularisados todos os petrechos de guerra da antiguidade, são animados por grande multidão de guerreiros a pé e a cavallo, com lança ou espada, tendo levantados sobre a cabeça grandes escudos circulares que oppõem aos golpes do inimigo. Na primeira linha vêem-se os sagittarios disparando as suas settas por detraz de enormes escudos postos no chão, e que lhes cobrem todo o corpo. O rei preside a estas batalhas do alto do seu carro, calcando aos pés dos cavallos os mortos e os moribundos.

[1] Vid. a estampa que publicámos a pag. 253 do num. antecedente.

Os cadaveres decapitados que mostram estas esculpturas, provam que o costume de cortar a cabeça aos vencidos, era já usado por alguns povos antes dos musulmanos, os quaes decapitam logo os inimigos, para os privar do soccorro do anjo que os deve levar ao ceo pelos cabellos, segundo a sua crença.

No meio de todos estes combates e assaltos, figuram tambem entre os prisioneiros, as tribus judaicas, bem caracterisadas. É sabido que os assyrios, conquistadores da Judéa, levaram todos os judeus captivos para Ninive e Babylonia.

A estas scenas de morte seguem-se logo outras de alegria. São lautos banquetes, cujos convivas, sentados a longas mesas, levantam os copos ao ar fazendo brindes; atraz d'elles estão os escravos enxotando as moscas com grandes plumas; os musicos tocando lyra, e os eunuchos deitando o vinho nas taças.

Vendo estas mesas lautas e sumptuosas, rodeadas de convivas exaltados, quem se não lembrará do interminavel banquete de cento e oitenta dias, que Assuero deu aos grandes da sua corte no palacio de Susa? Eis o que nos diz a Biblia no liv. de Esther:

«E quando este banquete estava para acabar, convidou o rei todo o povo que se achou em Susa, desde o maior até ao mais pequeno. Mandou que se preparasse outro banquete por sete dias, no pateo do seu jardim, e do bosque que tinha sido plantado pela mão do rei, com magnificencia real.

Tinham-se estendido de todas as partes umas cobertas de linho fino, de côr azul celeste e de jacinto, que estavam sustentadas por uns cordões de linho fino tintos de escarlata, passados por anneis de marfim, presos a columnas de marmore. Estavam alli postos por ordem muitos leitos de oiro e de prata, sobre um pavimento de esmeraldas e marmore branco, aformoseado de muitas figuras.

Os que tinham sido convidados bebiam por vasos de oiro, e os manjares que se traziam para a mesa vinham em pratos todos differentes uns dos outros. O vinho, do mais excellente, era em grande abundancia, e digno da real magnificencia.

Ao dia setimo, quando o rei estava mais alegre, e no calor do vinho, que tinha bebido com excesso, mandou a seus officiaes que introduzissem á sua presença a rainha, com o seu diadema, para que todos os seus povos e grandes da corte a vissem, porque era em extremo formosa. Porém ella recusou obedecer, de que resultou repudial-a Assuero, casando depois com Esther.»

Parece pois que em Ninive se observava rigorosamente o costume oriental, que ainda hoje subsiste, de se occultarem as mulheres; por isso a de Assuero antes quiz perder o estado real, do que apparecer diante de homens desconhecidos. E tanto assim é, que em tantas pinturas e esculpturas achadas nas excavações de Ninive, não ha uma só figura de mulher, excepto as que vem entre os captivos escoltadas pelos soldados vencedores.

O ANJO DA CARIDADE

(Conclusão. Vid. pag. 250)

V

TERCEIRO ANDAR

A MOEDA DE OIRO

Mr. Laucourt, o empregado da secretaria, sentado n'uma cadeira de braços, embrulhado n'um chambre bem estofado, com os pés diante de um fogão que espalhava no quarto um calor benefico, parecia estar embebido em profundas meditações.

Cogitava na solidão, porque Laucourt, homem egoista, se de tempos a tempos via alguns amigos, não tinha essa expansão que para os corações affectuosos faz de cada homem um irmão, do genero humano uma familia.

Vivia só para que ninguem o incommodasse; não deixava de satisfazer nenhum dos seus desejos, não via em redor de si miseria nem soffrimento, porque estando ao abrigo da primeira, procurava evitar o segundo quanto fosse possivel. Todavia Laucourt passava por ser caritativo, porque nenhuma associação do seu districto lhe tinha ouvido uma recusa. Como a sua fortuna lhe permittia dar esmolas sem que tivesse privação alguma, fazia-as de boamente.

Arrancado ás suas cogitações por uma leve pancada na porta, levantou-se, e abriu-a elle mesmo, porque a criada tinha saído. Uma mulher do povo, vestida pobremente, mas com escrupuloso aceio, trazendo um menino de seis a oito annos pela mão, entrou sem se adiantar muito, receiosa de manchar o sobrado com os sapatos grossos.

— Ah! sois vós, Juliana — lhe disse affavelmente Laucourt.

— Senhor, eu não me esqueço da vossa bondade, e faltaria ao meu dever se não viesse offerecer-vos por mim, por meu marido e todos os meus filhos...

— Bem, bem, Juliana, sei que esses votos são sinceros; mas a proposito de vossos filhos, porque não trouxestes o mais velho? Sabeis quanto eu me interesso por elle.

— Ah! Senhor, o meu pobre Luiz está doente, muito doente. Bastante chorou por não poder vir agradecer-vos o beneficio que lhe fazeis. Mas está de cama; o medico diz que não é doença de perigo, mas que póde ser demorada.

— É pena, porque o mestre onde o puz a aprender o officio, está muito contente com elle, e promette fazer d'alli um excellente operario. Em fim, elle ainda está novo; o tempo perdido reparar-se-ha.

— Estou certa que se podesse ver-vos ficaria bom, porque vos ama como seu segundo pae.

— Pois bem, dizei-lhe que eu irei vel-o, talvez...

— Oh! senhor, que bondade!

E a pobre mãe juntava as mãos e derramava lagrimas de alegria, dizendo:

— Subir uma escada tão escura, e assentar-vos nas nossas pobres cadeiras!...

— Entretanto, se eu não poder ir — atalhou Laucourt, receando ter promettido muito, porque fazia frio, e Juliana dissera que a escada era escura — dae-lhe isto da minha parte.

E estendendo a mão, deu uma moeda de oiro á pobre mulher. Ella recebeu e agradeceu, mas os olhos não lhe brilharam com aquella alegria que os tinha animado com a promessa da visita.

Não é o dinheiro que os pobres honrados mais estimam, é um signal de commiseração, é a benevolencia. M. Laucourt por certo ignorava isto.

Juliana voltou para casa com o coração opprimido. A moeda de oiro causou immensa alegria ao doentinho, porque a mãe, por um instincto delicado, não lhe fallou na promessa do seu protector, pois estava bem certa de que elle não a cumpriria.

E não se enganou. Laucourt não veiu visital-o. Juliana é que no fim de quinze dias levou Luizinho a beijar a mão do seu bemfeitor.

VI

QUARTO ANDAR

O VESTIDO USADO

Uma menina de seus 18 annos, vestida com muita simplicidade, e de avental branco, arranjava os poucos trastes da sua casinha, limpando o pó, vigiando uma chaleira posta ao lume, e sorrindo para a avó,

que sentada n'uma grande cadeira de palha, com recosto de almofadas, a contemplava com orgulho e alegria.

Tinha razão a pobre avó. Deus, que não olha á condição social para conceder as graças physicas e os encantos d'alma, parecia haver-se empenhado em dotar Alice de todos estes predicados.

Mais bella que madama de Vincy, mais airosa que a louca Isabel, melhor ainda que Beatriz, ignorando tanto a sua bondade como a sua belleza, a humilde condição de Alice livrava-a do escólho onde naufraga a modestia; não estava exposta a ouvir os elogios de que o mundo não é avaro; um sorriso, um louvor de sua avó era toda a sua ambição.

Anhelando por ser perfeitissima nos seus trabalhos de costureira, esmerava-se constantemente; cheia de affabilidade para com todos, resignada aos inevitaveis desgostos d'esta vida, a joven costureira achava a felicidade tal qual é possivel havel-a n'este mundo — no restricto cumprimento de seus deveres.

O que ella ganhava, pouco, é verdade, mas certo, porque as modistas satisfeitas com o seu trabalho nunca lhe faltavam com elle, junto com o que tinha herdado de seu pae, honrado operario, era sufficiente para viverem ambas.

O dia primeiro do anno não trouxera mudança alguma ao seu viver domestico.

A avó abraçára mais estreitamente a neta quando ella lhe veiu dar os bons annos, agradecendo interiormente a Deus o haver-lhe deixado um thesouro que valia quantos lhe levára.

Alice acabava de terminar os arranjos da casa, quando sentiu um ligeiro rumor. Olhou e viu uns dedinhos de criança, roxos de frio, que forcejavam a medo por abrir a porta que apenas estava cerrada.

Correu logo a tomar entre as suas a timorata mãosinha, fazendo entrar uma linda menina que vinha a chorar, e sentando-a n'um banquinho entre ella e sua avó.

Jenny, se chamava a criança, e era a orphãsinha do quinto andar.

Alice amava-a como irmã; primeiro porque o seu coração expansivo se affeiçoava particularmente a crianças, depois porque havia entre ellas a triste confraternidade de não terem conhecido suas mães; e sobre tudo porque Jenny era sua afilhada.

Foi pois muito penoso para a joven costureira ver, em tal dia sobre tudo, abundantes lagrimas orvalharem as faces da sua afilhada; e perguntou-lhe brandamente:

— Que tens, Jenny, dize, porque choras?

Mas a criança escondeu a loura cabeça entre os joelhos de sua madrinha, e não respondeu.

— Se não queres fallar, Jenny, vou perguntar a teu pae porque choras.

Oh! madrinha, não vá lá — acudiu a criança levantando a cabeça, com os olhos arrasados de lagrimas. Eu saí muito depressa para que meu pae não me visse chorar, porque elle está muito triste.

— Vamos, disse Alice commovida, quero saber por que, ou não abraçarei hoje a minha Jenny.

Como para desmentir esta ameaça, impossivel de realisar, a encantadora criança chegou a cara á bocca rosada da sua boa madrinha, que não pôde deixar de a beijar affectuosamente.

— Eu vou dizer tudo, minha madrinha, mas não me ha de ralhar, porque... eu é que tenho a culpa de chorar por tão pouco. Bem sabe que vou á mestra desde o mez passado...

— Bem sei, e espero que darás honra ás minhas lições — respondeu Alice a sorrir-se.

— Oh! sim, madrinha; eu sou a primeira na minha classe, não a classe das pequeninas, na outra antes da grande... É justamente por isso, madrinha, que as meninas tem inveja, e hontem me disseram...

Jenny tornou a chorar.

— Disseram o quê, Jenny?

Disseram, madrinha: Bem se vê que esta pequena não tem mãe, porque traz ainda em novembro um vestidinho de cassa.

Alice sorriu-se tristemente.

— Mas não é isso o que te faz chorar hoje assim, Jenny.

— Não, madrinha, mas á noite pedi a meu pae que me désse por consoada um vestido de lã para ir á mestra, que já as outras meninas não dirão que eu não tenho mãe... Meu pae tinha-m'o promettido, mas esta manhã disse que ainda m'o não podia fazer, por falta de dinheiro; que esperasse eu para a quaresma. Respondi-lhe que podia esperar, para o não affligir, porque bem via que elle estava com pena. Mas fiquei tão triste, tão triste que vim para aqui chorar. Mas agora, madrinha, já me passou tudo.

E Jenny, que até então parecia ter esquecido a avó de Alice, de quem gostava muito, foi-se-lhe lançar nos braços.

Alice deu-lhe um livro, cuidadosamente embrulhado, e guardado havia mais de um mez no seu melhor armario, esperando a hora de ser entregue a quem era destinado. A avó offereceu-lhe um saquinho de confeitos, e este presente fez, com que a pobre criança se esquecesse do vestido. Depois dos transportes de alegria e de agradecimento, Jenny voltou para o lado de seu pae, e não tornou mais a pensar no suspirado vestido de lã.

Alice é que não se esqueceu. Usava ella alternativamente, no inverno, dois vestidos de lã, um que se resentia de longo serviço, o outro usado sim, mas não estragado. Viu que o mais velho ainda estava bom para levar á rua, e que o outro faria a Jenny um vestido quasi de luxo para ir á mestra; com o que as suas desdenhosas companheiras não tornariam a chamar-lhe: — «menina sem mãe».

O projecto foi submettido á approvação da excellente avó que o louvou muito. Alice poz logo mãos á obra; não se levantou senão á noite, e bem tarde; mas no dia seguinte Jenny, com a cabeça erguida, e o olhar altivo, sentada entre as suas invejosas companheiras, tinha um vestido rico como o d'ellas.

O generoso sacrificio de Alice tinha feito tres entes felizes, e enchido dois corações de affecto e gratidão.

VII

QUINTO E SEXTO ANDAR

O PEDAÇO DE BOLO E A COMPAIXÃO DE DANIEL

Daniel, o visinho de Jenny, havia sido seu companheiro nos brinquedos até ao dia em que ella lhe tinha dito: «Daniel, tu agora entreter-te-has sósinho, que eu vou para a mestra aprender muita coisa!...

Mas Daniel, não sabia entreter-se sósinho, era um menino pacifico, e delicado de compleição, que não conhecia nem a alegria estrepitosa, nem essas brincadeiras ruidosas dos outros rapazes. De quatro filhos ficára elle só no lar tranquillo de seus paes; tinha-se habituado a uma vida melancolica e sem distracção. Via sua mãe, abatida pela desgraça, sempre triste, e o bom Daniel não ousava rir nem brincar temendo que ella lhe custasse supportal-o.

A voz serena e grave de seu pae tinha-lhe dito tão amiudadas vezes que elle devia amal-os por todos os irmãos que Deus chamára a si, que o rapazito de meigo e carinhoso, redobrava as attenções para com seus paes, e nada mais desejava que as caricias de ambos.

A melancolia da pobre mãe, aggravada pelos receios que lhe inspirava a saude de seu filho, crescido

e esbelto aos sete annos mais que os meninos da visinhança aos nove, a fazia padecer immenso, porque conhecia que Daniel necessitava de outra atmosphera, e de um exercicio continuado para fortificar a sua constituição.

Jenny, que o sabia entreter e excitava a brincar, tinha-lhe faltado de repente. Mas Daniel, se tinha perdido uma juvenil companheira, tinha achado um velho amigo, Jeronymo, o antigo porteiro da casa e inquilino do sexto andar; Jeronymo, que gostava de todas as crianças, e estimava ainda mais Daniel porque lhe ouvia attentamente todas as historias, e nunca fazia maldades.

Saia com elle, quando a humidade e o frio excessivo não podessem augmentar a tosse do menino, a fazer os recados de que os visinhos o encarregavam, e lhe contava pelo caminho (Jeronymo tinha sido soldado) essas historias fabulosas do imperio, que Daniel escutava abrindo muito os olhos, mas que não lhe inspiravam nenhuma inclinação guerreira.

Para retribuir os prazeres que devia a Jeronymo, Daniel emprestava-lhe os livrinhos que seu pae lhe dava, e ajudava-o a fazer as contas, operação em que o tio Jeronymo quasi sempre se atrapalhava.

Finalmente, Jeronymo e Daniel eram dois intimos amigos. Por isso no dia de anno bom, logo pela manhã, o pequenito, depois de haver recebido de sua mãe alguns confeitos, poucos, porque ella sabia que lhe não faziam bem á tosse, e um grande bolo de batata, pediu para ir visitar Jeronymo, o que lhe foi concedido.

Mas ah! o sorriso que brincava nos labios de Daniel desappareceu assim que abriu a porta de Jeronymo, e o viu deitado; elle, que todos os dias descia a escada quando toda a visinhança dormia ainda! Aproximou-se da cama nas pontinhas dos pés.

—Sou bem infeliz, meu Daniel, lhe disse o bom velho, ha dias que sentia uns arrepios de frio; mas esta noite a febre, uma febre terrivel, me assaltou; quiz levantar-me para accender o lume, mas o quarto parecia andar de roda de mim. Voltei para a cama.

Jeronymo fallava ainda, e já Daniel tinha ido buscar a lenha ao vão da escada, e a punha com esforço sobre a enorme trempe que as suas delicadas mãos apenas podiam mover.

—Vaes-te fazer mal, meu rico menino, exclamou Jeronymo; como tu és bom, oh! Deus te abençoará!

—E elle vos curará tambem, tio Jeronymo.

—Oh! como esta maldita febre veiu fóra de proposito! Ámanhã terão os inquilinos esquecido o velho Jeronymo, e lá se me vae a minha consoada! E eu que contava com ella para ajudar minha irmã enferma...

—É verdade, respondeu Daniel machinalmente.

E como se uma idéa subita houvesse atravessado a sua imaginação, saiu, depois de ter atiçado o lume, e posto um copo d'agua com assucar á cabeceira do doente.

Um quarto de hora depois, Daniel, com o seu bonésinho na mão, e os olhos baixos, estava em pé defronte dos senhores de Vincy que estavam almoçando.

—Que quer esta criança? Perguntou a elegante dama. É encantador, este rapazinho.

Parecendo não ouvir o elogio, Daniel disse timidamente:

—Senhora, Jeronymo, o que... bem conheceis, Jeronymo, o que faz os recados, que varre a escada, que...

—Mas, atalhou mr. de Vincy, sorrindo, que tem esse Jeronymo que faz tanta coisa?

—Está doente, senhor, disse o menino levantando pela primeira vez os bellos olhos azues; e não póde vir elle mesmo...

—Comprehendo, interrompeu o cavalheiro, encarregou-te...

—Oh! não, senhor, elle não sabe...

—Meu amigo, avia-te, dá a essa criança dez francos para Jeronymo, e saiamos.

—Obrigado, senhora! disse Daniel retirando-se tão contente como ninguem póde julgar.

Animado por este primeiro acolhimento, o bom do rapazinho apresentou-se com mais confiança em casa de madama de la Ferriere, onde recebeu a mesma somma. Mas chegado ao terceiro andar, diante de mr. Laucourt, cuja frieza e seccura elle já conhecia, perturbou-se e não pôde senão balbuciar:

—É que Jeronymo, senhor, Jeronymo...

—Bem, bem, disse o avarento empregado, dando-lhe cinco francos, tu vaes de meias n'este negocio.

A esta calumniosa allusão, Daniel fez-se vermelho como uma romã; mas não pôde responder, porque estava quasi chorando. Depois de um agradecimento suffocado saiu.

O thesouro de que era depositario, vinte e cinco francos, fez-lhe esquecer este desgosto. Sem dizer nada á mãe, cortou um grande pedaço do bolo de batata, embrulhou cuidadosamente os vinte e cinco francos, e voltou a casa de Jeronymo.

Fatigado pela insomnia, Jeronymo tinha-se levantado, indo sentar-se ao pé do fogo, muito pallido e abatido.

—Estou muito fraco, dizia elle comsigo, mas é preciso absolutamente que eu vá aos inquilinos... Para mim não necessito, mas minha pobre irmã que o não póde ganhar!

Daniel adiantou-se então com o embrulho do dinheiro em uma das mãos e o pedaço de bolo na outra.

Jeronymo, curioso, desembrulhou o papel e passou a mão pela abrasada fronte, como para assegurar-se da clareza das suas idéas; depois, uma exclamação de alegria lhe saiu do coração. Tinha comprehendido tudo.

—Filho, disse, estendendo os braços a Daniel — nada tenho que dar-te, mas a benção de um velho dá felicidade. Sempre orei a Deus, vês tu; até quando andava na guerra, e os outros se riam de mim; podes ficar certo de que o importunarei sempre até que te dê força e saude, que é o que te falta, meu bom Daniel! E á minha pobre irmã, eu contarei tudo...

—Não, não, Jeronymo, exclamou Daniel, nem a meu pae, nem a minha mãe, nem a ninguem, não quero.

— Veremos isso, murmurou Jeronymo.

Á noite, o velho, mais alliviado da febre e do abalo do contentamento, desceu cautelosamente a escada, porque as pernas lhe tremiam, e foi fazer uma visita á mãe de Daniel. Não se houve tão discretamente como o menino queria, porque ao deital-o, a mãe abraçou-o muitas vezes dizendo: «Meu Daniel, Deus te dê tanta saude quanta bondade te concedeu.

VIII

O JUIZO DO ANJO

Soou a meia noite.

O primeiro dia do anno estava acabado.

O anjo da Caridade levantou a fronte inclinada sobre a terra, tomou a penna de oiro e os livros sagrados.

Inscreveu no livro da esmola o peditorio de madama de Vincy, a subscripção de Isabel, e a moeda de oiro de Laucourt.

Assentou no livro da caridade a subscripção de Beatriz, o vestido usado de Alice, e a espontanea acção do menino Daniel.

D. MARIA RITA CHIAPPE CADET.